

*Ana Maria Maçalhães  
Isabel Alçada*

**Uma  
Aventura**

**na Pousada  
Misteriosa**

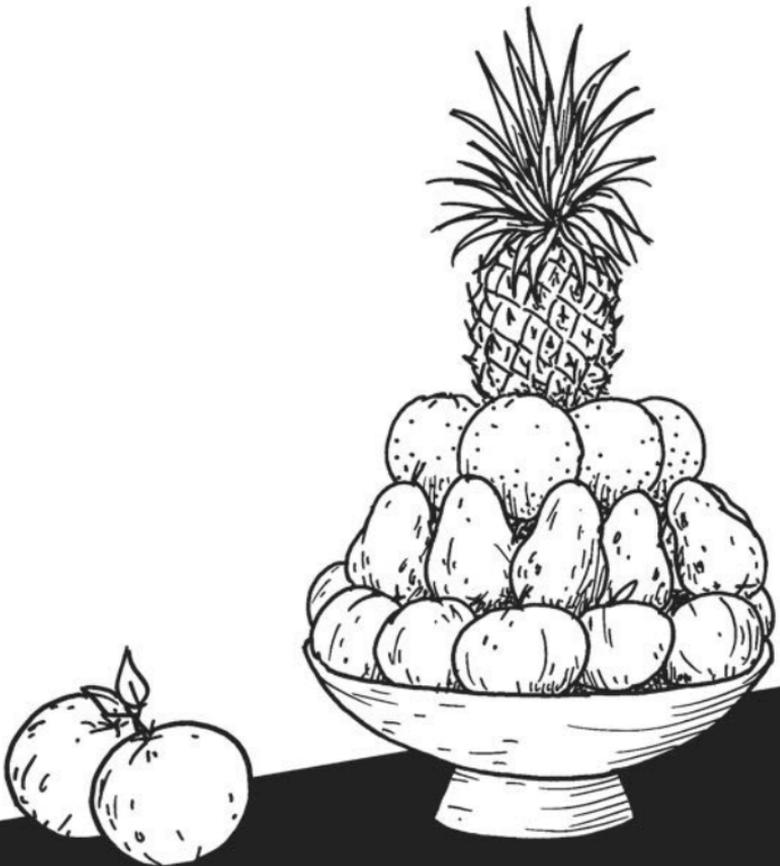
*Ilustrações de  
Arlindo Faundes*

**CAMINHO**



# Capítulo 1

## Geo quê?



Pedro não estava lá muito satisfeito por ser obrigado a jantar em casa com uns amigos dos pais e ainda tentou escapar.

— Ó mãe, eu tinha combinado ir a casa das gémeas, o João e o Chico também vão...

— Desta vez tem paciência, mas des-combinas.

— Porquê, mãe? Num jantar só de adultos eu estar ou não estar pouca diferença faz.

— Claro. Só que a minha amiga Ema traz o filho.

— E é da minha idade?

— Não sei bem.

A impaciência do Pedro duplicou.

— Se calhar é uma criancinha infernal?

— Não. É mais velho.

— Então lá está, mais um adulto, eu a ouvir conversas que não me interessam nada e a disfarçar bocejos.

— Deixa-te de lamúrias, sim? Vem mas é ajudar-me a pôr a mesa e eu prometo que, se for uma seca, mal acabarmos de jantar podes sair.

Enquanto o Pedro distribuía os pratos e os talheres, foi fazendo mais perguntas

— A sua amiga também é médica?

— É. Trabalhamos no mesmo hospital.

— E o marido?

— É inglês e estão separados, mas continuam a dar-se bem e quando ele passa por cá saem juntos.

— E o filho, como é que se chama?

— Lucas.

Nesse momento Pedro ocupava-se do fruteiro e decidira montar uma pirâmide organizada por camadas, primeiro uma base de maçãs, depois laranjas e peras em círculos perfeitos que tencionava rematar encaixando no topo o ananás, conforme tinha visto num restaurante.

— Que ideia é essa? O ananás é para cortar aos pedaços e servir numa taça.

— Oh! Que pena! — exclamou o Pedro fingendo-se muito desgostoso. — Eu que queria deslumbrar o Lucas com a minha arte decorativa!

A voz transmitia claramente a vontade que sentia de se ver livre dos convidados o mais rapidamente possível. E de algum modo uma certa embirração contra o tal Lucas que lhe estragava a noite

«Aposto que é um parvalhão», pensava.

Pouco depois engolia aquelas palavras e a má vontade, porque o Lucas era o género de pessoa com quem se simpatiza à primeira vista. Natural, franco, de olhar direto, usava roupa normalíssima, cumprimentava com um aperto de mão curto e vigoroso, parecia sentir-se à vontade ali ou em qualquer lugar. Não tardou que se sentassem lado a lado, num sofá, à conversa. O assunto deixou Pedro de olhos a luzir, porque Lucas tinha acabado de viver uma experiência que toda a gente gostaria de viver

— Andaste mesmo um ano inteiro em viagem?

— Andei — explicou Lucas. — O meu pai acha que conhecer o mundo é tão importante como estudar. Quando fiz 18 anos, perguntou se eu estava interessado em interromper os estudos para visitar outros países...

— E tu disseste que sim.

— Claro! Só que o meu pai impôs uma condição. Tinha de viajar sozinho. Dava-me dinheiro, telemóvel, alguns contactos, mas teria de me desenrascar por mim.

— O teu pai tem ideias fora do vulgar.

— Pois tem. Mas não é por acaso. Esta história da viagem faz parte da tradição em muitas famílias inglesas. Ele próprio partiu para a China meses antes de fazer 18 anos. E saiu-se bem. Quis pôr-me à prova.

— A tua mãe concordou?

— Torceu o nariz, mas quem casa com estrangeiros tem de se adaptar a outros costumes. Ao princípio telefonava-me várias vezes por dia. Deve ter gasto uma fortuna em telemóvel.

Pedro estava quase a dizer que dinheiro não devia ser problema lá em casa, pois um ano em viagem custa balúrdios. Preferiu no entanto um comentário mais vago.

— Que sorte, Lucas!

— De facto. Mas olha que também passei maus bocados. Às vezes sentia-me isolado, perdido, cansadíssimo.

— E fazias o quê?

— Geralmente pregava-me a dormir até me passar o incómodo. Agora na última etapa, como já estava habituado a girar e a resolver problemas, senti-me nas nuvens.

— Em que país?

— Na Índia. Sabes que ir à Índia é quase o mesmo que ir a outro planeta. Casas, pessoas, roupas, comidas, cores, cheiros, tudo tão diferente! Já imaginaste o que é ires pela rua de carro e ao lado passar um elefante a correr ou uma vaca com ar pachorrento?

— Posso imaginar, mas deve ser muito mais giro ver a cena ao vivo.

A conversa prosseguiu e quando se sentaram à mesa já estavam íntimos. Lucas continuou a contar coisas engraçadas, saltando de tema em tema um pouco ao acaso. Ora falava de um palácio indiano construído no meio de um lago ora de um homem que vivia numa gruta, só vestia túnicas brancas e preparava biscoitos com sabor a flores.

— É um guru. Eu estive lá alguns dias a dormir na gruta entre seguidores de várias nacionalidades. Cada um falava a sua língua, mas percebi que todos acreditavam

nas teorias do guru por mais esquisitas que fossem e até acreditavam que aqueles biscoitos eram uma espécie de oitava maravilha do mundo.

— Provaste?

— Provei e adorei — baixando a voz, acrescentou: — Consegui trazer um pacote, mas ainda não comi nenhum.

— Porquê?

— Porque o guru recomenda que só se coma um de cada vez, de preferência entre amigos e em noite de lua cheia. Resolvi seguir as instruções. O problema é que um ano inteiro de viagem fez-me perder o contacto com os meus amigos.

— Não seja por isso — disse logo o Pedro. — Podes contar comigo e com o meu grupo. Tudo gente fixe. Se quiseres, reunimos amanhã, é noite de lua cheia.

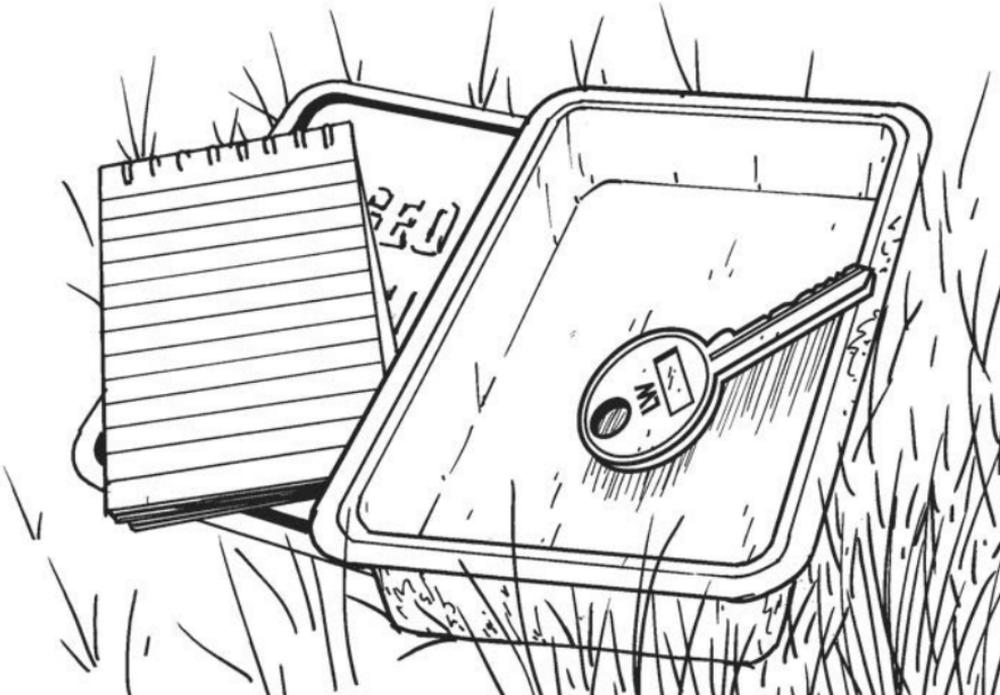
— Amanhã não estou cá. Vou para o norte, para um encontro de geocaching.

— Geo quê?



## Capítulo 2

# Um jogo com piada



— Nunca ouviste falar em geocaching?

— Não.

— É um jogo de caça ao tesouro, do mais moderno que há. E pratica-se no mundo inteiro<sup>1</sup>.

A palavra «tesouro» sempre sobressalta, Pedro ficou interessadíssimo, mas Lucas, em vez de explicar melhor, propôs mostrar uma pista.

— Depois de jantar damos uma volta, queres?

— Quero! E se não te importas falo aos meus amigos para virem ter connosco.

— Não me importo nada.

Meia hora depois saíram para a rua. Chico foi o primeiro a chegar. A seguir

<sup>1</sup> O geocaching existe na realidade. Na parte final do livro há mais informações sobre este jogo.

apareceram as gémeas, de *Caracol* pela trela, e depois o João, caminhando desportivamente lado a lado com o *Faial*. Reuniram num jardim próximo, com laguiinho ao meio e arbustos em volta dos canceiros. Pedro garantira que Lucas era um tipo impecável, por isso vinham dispostos a simpatizar com ele, e simpatizaram. Também ansiavam saber que tipo de caça ao tesouro lhes iria propor.

— Já percebi que vocês estão a pensar em caça grossa, ou seja, moedas de ouro, lingotes de prata.

— Não era mau — comentou o Chico.

— Mas não é nada disso. Este jogo surgiu há anos e espalhou-se pelo mundo a uma velocidade incrível. Há participantes de todas as idades e em todo o lado. Mas a ideia não é encontrar riquezas, é procurar um «cache»...

— «Cache»?

— Bom, uma caixa pequena, muito bem escondida, que tem lá dentro um bloco de notas onde as pessoas registam o nome e a data em que conseguiram encontrá-la. E também tem um objeto qualquer, muito simples, que a pessoa retira e substitui por

outro de igual valor. Por exemplo, tira um porta-chaves e deixa um apara-lápis.

— E qual é a graça?

— É a procura. Porque os «caches» estão muito bem escondidos nos sítios mais incríveis. Montanhas, cavernas, cabanas de florestas, muralhas de castelos. A descoberta é sempre excitante. Além disso, quem se inscreve neste clube mundial pode criar «caches». Eu próprio já criei vários. Deixei um bem perto da gruta onde vive o guru indiano que faz biscoitos com sabor a flores. Pus lá dentro duas caricas de bebidas portuguesas. A esta hora já devem ter sido retiradas e sabe-se lá onde estão. Espero que no bloco de notas haja registos de nomes indianos, japoneses, coreanos, argentinos, gente que não conheço mas ficou a saber que fui eu, Lucas Watson, quem deixou aquilo ali porque a primeira assinatura é a minha. O mais natural é que alguns tenham tentado imaginar como sou ou até sonhado comigo. Tem piada, não?

Eles riram-se.

— De facto é um jogo com piada — disse o Pedro.

— E pode ser praticado na montanha mais alta do mundo mas também no lugar onde se vive. Querem ver?

Lucas pegou no telemóvel, abriu o GPS, mostrou ao grupo o mapa daquela zona, e apontou-lhes o desenho de um quadrado com uma caixinha lá dentro.

— Pelos vistos, há um «cache» neste jardim.

As cinco cabeças juntaram-se para ver melhor, depois largaram a procurá-lo convencidos de que seria fácil e rápido. Mas não foi. As gémeas vasculharam os arbustos um a um, sem qualquer sorte. *Caracol* acompanhou-as e ambas julgaram poder tirar conclusões de alguns saltinhos e latidos, que não tinham afinal significado nenhum.

*Faial*, vendo o dono à rebusca, associou-se, farejando em torno do lago, quando desatou a ladrar furiosamente correram todos para o pé dele, mas apenas desenterrou um osso. Lucas e Pedro concentraram-se na fonte, remexeram em todos os buraquinhos possíveis num frenesim de que só resultaram arranhadelas. Chico começara por examinar o banco do jardim

na ideia de que, se fosse ele, talvez tivesse atado a caixa com arames por baixo do assento. Apalpou a madeira, como não encontrou nada deitou-se no chão e ficou com a roupa cheia de terra. E assim, envolveram-se no jogo.

— Achei! — gritou o Chico de repente.

— Onde?

— Ali! Aposto que está ali!

Apontava o buraco no tronco de uma árvore que a luz da lua quase cheia iluminava.

— É o sítio ideal!

Sacudiu a roupa e trepou pelo tronco, regressando triunfante com uma caixinha de metal. Os amigos rodearam-no e lá estava uma pequena chave de feitio antiquado e um bloco de notas, mínimo, que todos quiseram folhear para ver quem tinha escondido o «cache» e quando.

— Foi uma Mariana, há dois anos. Nós somos os sétimos descobridores.

Entreolharam-se sem atinar por que motivo se sentiam tão divertidos. Retiraram a chave, substituíram-na pelas pulseiras de elásticos das gêmeas e depois cada um assinou o seu nome. Chico utilizando apenas maiúsculas.



ACHEI !

ONDE ?

— Então, gostaram?

— Eu delirei.

— E eu quero inscrever-me neste clube mundial.

— Como é que se faz?

— Através da internet. Procura-se o site geocaching e está lá tudo explicado.

Seguiam agora pelo passeio, uns mais à frente, outros mais atrás, capitaneados pelo Chico que fazia saltar a chavinha anti-quada na mão direita. Teresa arrebatou-lha e disse, na brincadeira:

— Talvez esta chave nos abra as portas de uma grande aventura!

— É isso mesmo que vai acontecer! — respondeu o Lucas, de repente muito sério.

As palavras e a atitude travaram a marcha.

— De que estás a falar?

— Do encontro de geocaching no norte do país, para onde eu vou amanhã. E vocês vêm comigo.

Olharam-no em silêncio, ele perguntou:

— Querem?

— Queremos, claro!

— Mas como é que vamos?

— Transporte não é problema. O meu avô tem uma empresa de aluguer de carros

e carrinhas. Peça-lhe uma, a mim empresta-me de certeza. Se as vossas famílias estiverem de acordo, preparem mochilas, preparem-se para uma longa viagem até às terras de Basto e...

— E?

Num tom grave, cavernoso, de criar suspense, acrescentou, separando um pouco as sílabas:

— Preparem-se para a experiência fabulosa de comer biscoitos indianos, com sabor a flores, que foram amassados por um guru e devem ser comidos em grupo numa noite de lua cheia. Amanhã temos lua cheia.



Capítulo 3

# A Pousada Misteriosa



A viagem foi longa e, como pararam várias vezes pelo caminho, chegaram a Celorico de Basto a altas horas da noite.

— As ruas estão desertas, as luzes das casas apagadas, não se vê ninguém, como é que tencionas encontrar a pousada onde vamos dormir?

— Esqueceram-se de que tenho um GPS? — respondeu o Lucas apontando o ecrã. — Até já estamos perto.

A carrinha parou adiante, junto de uma antiga estação de comboio que tinha sido aproveitada e arranjada para receber visitantes.

— É aqui.

— Que bom! Estou mesmo a precisar de esticar as pernas.

Apearam-se, todos igualmente satisfeitos, pegaram nas mochilas, soltaram os

cães, dirigiram-se à casinha onde em tempos funcionavam as bilheteiras.

— Que gira!

— Lembra um brinquedo.

— Impecável.

— Mas para pousada não será pequena? Terá quartos para todos?

— Não sei — disse o Lucas. — Logo se vê.

A noite estava linda, com o céu de um azul-escuro aveludado, lua cheia tão perfeita e luminosa que transmitia energia, vontade de cantar e dançar. Os cães sentaram-se nas patas traseiras e ergueram a cabeça de focinho para cima. *Faial*, que parecia mesmo um lobo, abriu e fechou a boca várias vezes, mas não uivou. No entanto, era evidente que os cães também se sentiam felizes.

— Este sítio tem qualquer coisa de mágico — disse a Teresa. — Não acham?

Luísa acenou que sim. Lucas deixou cair os braços ao longo do corpo com as palmas das mãos viradas para a lua começou a falar baixinho sobre as teorias do guru indiano.

— Todos os lugares onde se cruzou muita gente conservam partículas invisíveis que as pessoas lá deixaram. Partículas

de sentimentos, de pensamentos, de alegrias, de desgostos, de saudades, e tudo isso se vai entrelaçando para formar uma espécie de campo magnético. Se for muito forte, adquire o toque mágico de que a Teresa falou. Mas só quem é sensível presente ou percebe. Vocês, gémeas, talvez por serem duas pessoas iguais, foram as primeiras a captar as vibrações da atmosfera, que aqui são fortíssimas por se tratar de uma antiga estação de comboio, que ao longo dos tempos viu gente partir, gente chegar, uns a rir, outros a chorar...

Chico cruzou olhares com o Pedro e disfarçou um sorriso vagamente trocista.

«Se fosse verdade», pensava. «Nas estações das grandes cidades, no metro, nos aeroportos, a magia era tanta que rebentava.»

Antes que lhe saísse pela boca fora o que pensava, apanhou uma cotovelada do Pedro e virou-se de costas para ocultar o sorriso brincalhão. As gémeas é que embarcaram logo na conversa, e de braços caídos ao longo do corpo com as palmas da mão abertas para a lua, lembravam estátuas. João decidiu imitá-las de modo que ficaram todos quietos e em silêncio.

— Não seria melhor batermos à porta a ver se alguém nos atende? — perguntou o Chico, esforçando-se por ser natural.  
— Estou cansado.

Lucas concordou e foi ele próprio bater à porta da casinha, mas por muito que batesse não obteve resposta.

— Se calhar a pousada não é aqui.

— É, sim.

— Mas talvez os quartos sejam nos outros edifícios. Há mais dois.

De facto, havia um edifício em madeira mesmo em frente e outro em pedra um pouco adiante. Chico foi espreitar o primeiro.

— Nada feito! Neste está uma carruagem de modelo antigo que ocupa quase todo o espaço.

— Então vamos ao outro.

Cada um pegou na sua mochila, avançaram pela plataforma de cimento, subiram uma ligeira rampa em direção ao edifício de pedra que devia ter sido em tempos um armazém para guardar mercadorias e que fora restaurado para funcionar como pousada. Não tiveram tempo de bater à porta, pois quando menos esperavam a porta

abriu-se de repelão e saíram lá de dentro dois homens e uma mulher fortes, carrancudos e apressados. Transportavam bicicletas, deram um encontrão às gémeas e, sem dizer ai nem ui, desapareceram a pedalar furiosamente pela pista vermelha, a ecopista, construída no espaço onde antigamente se estendiam os carris para a circulação dos comboios, que há muito tinham deixado de circular por aquelas paragens.

— Quem serão estes brutamontes?

— E para onde é que vão a estas horas a pedalar feitos malucos?

— Não sei, nem me interessa — disse o Chico. — Cá por mim, se houver camas livres, instalo-me.

O grupo entrou atrás dele e ficou encantado porque ali o que mais havia era beliches. E por sorte não estava lá mais ninguém.

— Escolham à vontade, que eu já escolhi o meu — declarou o Pedro, atirando com a mochila para a primeira cama.

— Os cães podem ficar cá dentro?

— Hum... como não está cá mais ninguém, ficam. Amanhã, se houver problema, dormem lá fora.